



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO II N.º 272 Preço 1\$00

O GRANDE DIA



«A nossa Aldeia foi inundada de lés a lés».

O F. C. do Porto veio como tinha prometido. Veio o Porto e está tudo dito. Trouxe o coração e deixou-o cá. Foram três combolos especiais, e mais três da tabela. Todos despejaram em Cete. Foram mais de duzentos automóveis, camionetas e forgonetes. Foi um exército de bicicletas e motos. Foi todo o povo dos arredores. Seriam para cima de 10.000 pessoas. A nossa Aldeia ficou inundada de lés a lés.

As escolas estavam cheias, a capela estava cheia, as oficinas, as casas de família, os refeitórios, o campo de jogos, as avenidas, a mata—tudo cheio, todo o dia.

Perdidos no meio da multidão, os gaiatos eram invisíveis. Quando alguém os encontrava, tudo eram beljos e abraços e lágrimas.

O Porto trouxe o coração.

Fidalga a saudação dos Directores e organizadores do F. C. Fidalga a representação dos Artistas da Rádio. Fidalga a actuação dos vários grupos de desportistas que se exibiram no campo e dos amadores de pesca, no rio Sousa. O Faísca saudou em nome dos pequenos — «A Casa do Gaiato está à vossa disposição. Não queremos guardar segredos de nada, para ninguém. Esperamos ser-vos úteis, temos cento e tal Rapazes prontos a responder às vossas perguntas. Nunca estivemos mais contentes. Vede como nós somos, o que éramos já vós sabeis».

Em nome dos maiores, falou o Carlos Inácio:

«Muito gratos estamos por terdes escolhido a casa daqueles que foram o lixo da rua; daqueles que vos importunavam quando estáveis em casa ou nos cafés pedindo-vos uns magros tostões para não morrerem à mingua; daqueles que se não fosse o vosso auxílio e o das mais almas que Deus manda vir até eles, talvez que hoje tivésseis de aumentar a mensalidade aos guardas nocturnos pois seriam eles mesmos que vos poriam em sobressalto furtando-vos o salário que com o suor do vosso rosto ganhastes durante uma semana de trabalho intenso; daqueles cuja mão carinhosa dum Padre tirou das valetas procurando adaptá-los à vida e dar-lhes condições para esse mesmo fim. Sim. Obrigados senhores e senhores que me escutais».

Pelo Porto falou um dos Directores a alma da organização. «Estou esmagado perante o que vejo e o que ouço.

Até agora era apenas um homem recto sem religião e sem política; daqui por diante seguirei a política do Padre Américo e a Religião do Padre Américo»

O Barrigana foi o ídolo dos Rapazes. Saudado com a cantiga predileta — «ó Barrigana, defende a bola» andou em triunfo nos seus braços; teve de prestar-se a inúmeras fotografias, arbitrar, fazer exhibições de defesas difíceis. O bom gigante fez-se criança no meio das crianças.

Nós arreventamos de vaidade, dizia um deles.

(CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA)

A CAMINHO DE ÁFRICA



De largo que o Tejo é, Júlio quer saber se já é mar enquanto o descensar, e eu digo-lhe que não; quando sair o piloto estamos no mar. Esta informação que deveria ser suficiente para um qualquer, não bastou. Júlio é curioso. É exigente. Quer saber um mundo de coisas logo à saída do Tejo e eu vou-lhas transmitindo na medida que sei. É um prazer. Um prazer espiritual. O homem, por natureza, tende a dar-se. Comunicar-se. Ser útil. O homem fechado é um doente. Não ama; explora.

Ao segundo dia de viagem, corre voz de um passageiro clandestino; e no terceiro, enquanto eu estou no tombadilho, aparece um rapaz mal vestido e sinais de subalimentado. Vinha falar comigo. Era o clandestino. Trata-se de um antigo aluno da Casa Pia, que atingiu os dezoito anos em Setembro do ano passado e teve de sair consoante o regulamento. Uma vez na rua, entregue a si, dá em vender canetas, até que se aborrece e tenta a África. Se fosse só este, seria um episódio engraçado sem grandes consequências, mas não. É este e são muitos mais. Diríamos multidões por vielas e por buracos; — tropeços a tropeçar! Enquanto converso, informa o clandestino que eram 600 rapazes no asilo de onde saiu. Isto causa arrepios. Dentro de uma casa e esta dentro de uma cidade, quem é que pode fazer homens de um aglomerado de 600 rapazes? só perceptores são mais de 20, disse-me ele, querendo dizer com isso que outras categorias há no asilo outros funcionários. Cada um fará naturalmente o que pode e sabe. Mas isso rende pouco. Isto é mesmo um estorvo. Na formação do

rapaz, ou é ele ou não é ninguém. Nem perceptores, nem vigilantes, nem criados, nem inspectores, nem nada que lhes meta medo. Porém, o estorvo supremo, é o casarão onde ele viveu, dividido em caseiras. Isto é que é o impedimento. Os seiscentos ali reunidos não se conhecem a si, nem se conhecem uns aos outros, tão pouco são conhecidos por quem pretende educá-los. Impossível. Tudo aquilo é o turbilhão em terras de ninguém. Neste barco, por feliz coincidência também vão rapazes da *Obra da Rua*. Vão para um emprego. Levam os seus documentos. A árvore conhece-se pelos seus frutos.



Ontem, no botequim, bebia-se. Ali é mesmo o sítio de beber e de fumar. Eu estava naquela hora entretido com uma chávena de café e ali à minha beira, noutra mesa, uma senhora, despreocupada, bebia um refrigerante e tinha um cigarro na ponta dos dedos. Também ela estava sôzinha àquela mesa. Eu tinha notado a delicadeza com que ela sorvia. Era estrangeira. Tinha ares de muitos anos de vida tropical. Crianças saltavam no convés. Viam-se passageiros encostados às amuradas. Outros jogavam ping pong sobre mesas colocadas ao ar livre. O barco cortava as ondas. Andorinhas esvoaçam Gai-votas procuram de comer. Éramos à roda de 600 passageiros.

O Mestre ensina que a morte vem num momento. Num abrir e fechar de olhos. Estas são expressões do Evangelho, ânsia do seu Missionário, que procura avisar cada hora cada mortal. Ora com todos estes avisos do Céu, toda a gente se espantou

Continua na 4.ª (página)



Tojal. O «chalé» dos Pobres. Esta riqueza deve-se aos Rapazes da Vacuum e a quantos lisboetas disseram: «Agora!»

BARREDO Crónica das Colónias

Acabo de vir de lá. Encontrei ainda quentes as pegas do Padre Américo. Um padre naqueles becos não pode ser outro senão ele.

—Lá vem o P.º Américo! E ficavam desapontados quando me aproximava.—Não é!...

Mas o desapontamento demorava pouco. Ao saber-se, na calçada, que os pobres anteriormente visitados, não ficavam sem visita, via-se o sorriso a bailar no rosto de muitos.

—Que esmolinha tão bem entregue!

Aos pobres antigos vem juntar-se outros pedidos.

—Olhe ali outra miséria! É uma velhinha cega que não tem ninguém que lho ganhe!

Suba, padre; acautele-se com a escada que é escura. Muitos aqui têm caído.

—Venha também aqui. Minha esposa acaba de ter uma criança e não tem que lhe dar.

—Onde trabalha, meu amigo? Pergunto.

—No rio, quando posso. Também sou doente...

Abre-se outra porta a seguir. — Era a do doente que na última visita dizia que ninguém lhe dava nada.

—O nosso doente?

—O rapazinho tuberculoso? morreu, padre.

—?!

Subo e ajoelho a encomendá-lo a Deus. Era a última esmola.

Lá estava, macilento, peito ruído pelo bacilo. Vinham buscá-lo, mas na alcova, ficava o inimigo à espera doutro que há de ir ocupar aquele antro, para seguir igual caminho.

É o Barredo.

Quantas vezes o colchão do tuberculoso, vai servir, momentos depois a outro doente.

Ia a entrar noutra porta, mas alguém me segura.

—Não vale a pena. A pobre da escada já morreu. Mais abaixo, na rua Taurina, a mesma coisa.

Três lugares vagos, em menos de oito dias!...

A morte. Tenho-a visto tantas vezes a pôr termo ao infortúnio de tantos pobresinhos, que já me não impressiona a sua passagem. Que o Senhor se compadeça. Espero até que nem a minha própria, quando soar a hora, me não há-de afligir.

Ali no Barredo, mais que no Casal Ventoso ou na Curraleira, o que impressiona sobremaneira, é a fisionomia de dezenas e dezenas de crianças atrofiadas, amarelas, sem brilho nos olhos, sem alegria no rosto. Sem a defesa do ar puro, duma alimentação suficiente, de qualquer terapêutica preventiva, a população dos Barredos desapareceria em duas gerações, se a leva dos que se finam, não fosse equilibrada com a invasão dos que entram a ocupar as brechas que se vão abrindo.

Levei muitos recados à cancerosa, à "dolorosa" e a outros monumentos de dores, de deformidades físicas e morais. «Poucas mais vezes aqui voltará, padre. Isto está no resto», dizia a cancerosa.

Todos querem saber notícias do Sr. Padre Américo. E ficam se a rezar para que Deus o traga depressa.

«Não há-de ser por falta de orações, afirma a tia Mocha, que ele deixará de voltar!»

O Barredo precisa que ele volte. É mesmo por causa dos barredos que ele anda por lá!...

Foi no dia dezassete pelas cinco da tarde.

Meia hora antes não se via ninguém. Admirado procurei ao Padre Horácio quando chegavam os rapazes. Ele sorriu e disse: «Espere um pouco.» — Assim foi de facto. Perto das cinco era uma algazarra. Parecia o fim do mundo.

«Senhor Prior peça ao Senhor Padre Horácio que leve o meu filhinho.» — «E o meu». — «O meu se fica ninguém o cala.»

O meu companheiro e eu ouvíamos e calávamos. Era a primeira vez que nos víamos em tal. Era um mundo novo.

Na viagem todos queriam ir à janela.

«Senhor prior arranje-me um lugarzinho.»

E cantava-se e ria-se alegremente.

A estação de Miranda foi saudada por toda a rapaziada. Começou a caminhada para a serra que durou perto de uma hora. Ao passarmos por Pereira houve a tradicional paragem em casa do Senhor Dr. Carlos. Depois do apetitoso refresco tomámos fôlego para a escalada final.

Era sol caído quando chegámos à Senhora da Piedade. O local agradou nos logo de entrada. Também para nós era novo. É um sítio encantador onde é difícil não se ser poeta. A serra, a ribeira, o ar, a água, tudo é uma delícia. E há capela e boa cama e comida farta e pão fresquinho. Alguns rapazes batiam palmas e muitos deles recordavam. Sim, porque mui-

O grande Dia

O dia foi totalmente cheio.

Na impossibilidade de descrever todos os pormenores, vamos apenas focar aqui três instantâneos, que nos chocaram:

Dois rapazitos estavam em acalorada discussão diante dum retrato do Sr. P.º Américo.

—Olha o retrato dum santo.

—Não é nada santo, não vês que é um homem!

—Santo pois: um homem que faz bem é santo. Quem dera que ele fosse para abade da minha freguesia... Ele até tem o cabelo cortado rente. É um santo.

Entrel por momentos na capela. Ela era teatro das mais comoventes manifestações de fé. Um verdadeiro jubileu. Fátima repete-se aqui:

Mães que rezam com os filhos ao colo, homens que trazem pela mão os filhos e lhes ensinam a erguer as mãos. Muitos desde crianças que não entravam numa igreja. Um dizia que era a primeira vez na vida.

As esmolas, pelas mãos dos filhinhos caem, momento a momento, na caixa. «Oração e penitência» recomendou N.ª Senhora; nós acrescentamos em seu nome—Caridade!

tos veem há anos seguidos.

Fez-se logo de entrada a distribuição das camas. Todos queriam saber qual a sua. E muitos bateram palmas gritando: «Ai a minha caminha.» Talvez fosse, esta a primeira dormida que tal nome merecesse. Com u a apetitoso jantar e com as orações da noite fechou-se o dia.

Para solenizar o primeiro Domingo fomos até Miranda. Houve jogo da bola entre os rapazes da colónia e os gaiatos, que terminou

com a vitória dos gaiatos por 10. No último dia, no refeição o entusiasmo apossou-se de todos. Cantava-se e davam-se vivas entusiásticos. Ninguém pôs entaves àquela berraria. Seria cruel fazer calar o seu reconhecimento. Também nós gritámos e cantámos com eles. Muitos lamentavam-se do tempo

ter corrido tão veloz.

Como «nem só de pão vive o homem» o último Domingo foi para a alma. Houve Missa cantada pelos gaiatos que vieram até nós.

Na véspera, à noite chegou o Padre Horácio. Falou aos rapazes Recordou-lhes o dever que tinham de agradecer a Deus todos os benefícios concedidos durante esta quinzena. Falou-lhes na Missa do dia seguinte e aos que quizessem o banho da alma.

Alguns dos nossos fizeram a Primeira Comunhão. Padre Horácio estava radiante. À tarde houve bola, passeio à serra e terço.

Eram oito horas quando come-

Um sacerdote velhinho entra; joelha na lage galhenta; levanta-se e vai direito à candeia; toca com a mão no az-ite e queda-se imóvel, rosto sorridente e iluminado pela luz trémula, esmagado pela simplicidade: «Isto é divino. Fosse eu quarenta anos mais novo e seria Padre da Rua».

Uma velhinha, pobremente vestida, vem também trazer o seu óbulo.

Chega junto do padre André dos Açores—e pede-lhe que espere um momento.

Com mãos trémulas desata um tríplice nó-cego do lenço de mão e entrega um escudo em moedas de cobre.

—Eu sinto-me muito feliz por trazer este auxílio ao Padre Américo.

—Mas eu não sou o Pai Américo...

—Mas é filho dele, e quem dá aos filhos, alegre os pais!...

Quem há aí que seja alguma coisa diante desta mulher do povo? O Porto deixou uma casa para o Património e com o resto, fol além de vinte contos. Esta viúva deu, com a sua lição, outro tanto.

O Porto retirou, mas deixou o coração e por isso promete voltar.



Miranda. Os Padres da Rua, arquitetos dum mundo melhor, riscam de joelhos (só Deus é grandel), mais uma casa para Pobres,

çou a nossa última Missa. Todos tentaram dar-lhe o máximo brilho com o calor dos seus cantos. A homilia foi simples mas comovente.

Ao meio dia houve arroz doce e vinho e depois dos últimos preparativos foi a debandada.

Passámos novamente pela casa do Senhor Dr. Carlos que não se esqueceu de refrescar os rapazes. Alguns, no entanto, pareceram ficar mais quentes que frescos. A bebida tornou-os alegres e corados.

A automotora que nos levou a Coimbra partiu pouco depois das quatro.

Quando chegámos à Estação Nova redobramos os sinais da alegria.

—«Olha a minha mãe.»

—«Carlitos olha a tua irmã.»

E assim terminou o segundo turno das Colónias.

Bem haja a Obra da Rua que de todos se lembra.

Alberto Neto

Crónica Vicentina

Reina grande alegria no Lar do Gaiato do Porto. A notícia da fundação de uma nova Conferência para os habitantes mais pequenos deste Lar, é o motivo do contentamento.

Todos os leitores já têm conhecimento da abertura de um novo Lar para os mais crescidos. Estes ficaram com a Conferência que estava. A que se está a fundar é para os mais pequenos. As conferências fazem parte da nossa preparação para uma vida futura. Mas ainda há mais. Elas fazem com que cada vicentino ao visitar o seu pobre, faça um exame de consciência e se lembre do seu passado. Nesse exame cada um vê o que foi, o que é, e o que pode ser. É por tudo isto e ainda porque os pobres precisam de nós, que estamos a fundar outra Conferência.

O Lar dos pequenos vai estar em festa. Para os senhores verem o entusiasmo deles, basta dizer que em quinze dias arranjaram cento e dez subscritores. Já dizem que querem ultrapassar os grandes. Eu acredito que sim; pelo menos em subscritores já ultrapassaram.

Isto é a Casa do Gaiato.

É triste que haja pessoas que ainda não conheçam verdadeiramente a nossa Obra e se arriscam a perguntar aos nossos rapazes: Tu és internado da Casa do Gaiato? Tu és daquele Asilo? Como se fosse possível um internado ou asilado poder pensar e agir. Que ninguém nos faça essas perguntas. Quando quiserem perguntar que perguntem: Tu és filho da Casa do Gaiato? Nós somos uma família numerosa onde há pai e mãe. Nós podemos escolher porque há liberdade para isso. O exemplo da fundação da nossa Conferência é um testemunho como dentro da Obra da Rua há liberdade de pensar e agir.

O nosso Pai Américo diz-nos: «Tudo vos é permitido fazer, menos pecar».

CARLOS GONÇALVES



Lisboa. Quinta dos Peixinhos — 111
Uma casa. Está tudo patente: sala de visitas, cozinha, refeitório, quarto de dormir. Faça favor de entrar!

Património dos Pobres

O "Património dos Pobres" está enriquecido com mais uma casa. Foi no passado dia 10, na Vila de Paredes.

A estação da missa, com a igreja cheia eu apareci. Preguei o Evangelho. Nesse dia lia-se, no hagiólogio, a vida do primeiro vicentino da Igreja — Lourenço. Intimidado pelo imperador a apresentar os cofres da Igreja, Lourenço vai pelos barredos e então, reúne todos as "dolorosas" os tísicos, paráliticos por quem habitualmente repartia quanto os fieis ofereciam ao Pontífice e pede lhes que venham com ele ser testemunhas de Cristo, diante do tribunal de César.

Eles seguem-no.

Aqui tens, imperador, os tesouros da Igreja! E mostra-lhes a procissão dos esfarrapados que todos sem se sentam pelos cantos, incapazes de ter-se em pé. O imperador enfurecido e manda assar o Diácono.

Cristo era ali pregado em pleno Capitólio, pelos farrapos humanos e pela boca do herói. Já estou assado deste lado, volta e prova que tal é carne de cristão. Os tesouros da Igreja são os pobres. Ainda hoje assim é. Quem pensasse que os cálices e os candelabros, os turbulos e relicários e custódias, e as heranças é que valem, enganava-se. O bezerro de Moisés, val a mais que isso.

Isto foi pregado ao povo que acredita, e chora, e vai em romagem de jubileu à casa acabada de construir.

A F brica da Igreja, na pessoa do Páraco, toma conta; entrega a chave à pobre Maria que entra com os seus três filhos, jubilosa no que é seu.

E como não havia de estar contente, se ia trocar a arca onde anteriormente se abrigava por uma casa formosa, com quintal e recheio completo, carinhosamente preparado p los vicentinos?

O povo deixa ficar no saquinho, migalhas de dinheiro, e na chaminé muitos pacotes de mercearia. Tem para um mês. Tal simpatia despertou no bom povo de Paredes a construção desta casa, que ali mesmo, outros senhores vieram oferecer terreno para mais quatro casas. E vamos para a frente!

A partida do Padre Américo fo-

ram lançadas as primeiras pedras para mais duas, no Tojal. Outra está a ser principiada. Seguiram cartas dirigidas à Hidráulica do Tejo, para nos ser cedido terreno devoluto para mais três casas e daqui, visto não sabermos da sua morada, lançamos um S.O.S. ao Sr. Conde de Sabugosa, para que nos ceda também cem metros quadrados de terreno, no lugar de Manjoeira, para outra casa que há de substituir uma enxovia onde estão a apodrecer dois velhinhos na mais confrangedora penúria.

FALA O PAPAGAIO

«A minha vida enquanto estive na rua».

Eu era um pobre miserável, que andava sempre de porta em porta a pedir esmola.

Andava sempre roto e porco, que metia nojo aos cães. Tratava toda a gente mal.

La esperar o comboio para levar as malas aos senhores, se eles davam coroas ia comprar cigarros, então quando eles não davam eu dizia-lhes muitas pragas.

Gastava todo o dinheiro mal gasto. Eu fazia o correio. Tinha muitos amigos, e apellidos: Sarrano, Beneno, Bandido, Corrécio e outros tantos.

A minha mãe dava-me conselhos bons, que os podia seguir... mas não me importava.

Não queria trabalhar. Fugia ao trabalho.

Comer? era quanto viesse...

La pedir esmolas aos senhores e recebia estas respostas:

Vai trabalhar malandro!

Mas um dia... Que feliz sorte!

Estava a chorar, e quando pára um carro à minha beira, levantei-me, e... um senhor padre me pergunta o que tenho. Fome e sede. Respondi.

Então o senhor padre disse-me: Anda para o carro. Então entrei. Passado uma hora chego à linda aldeia: Paço de Sousa. Entrei... e noto um campo de bola, muitas casas, e uma quinta muito grande. «Isto era a Casa do Gaiato».

Passado uma semana fui tra-

AQUI, LISBOA!

Aqui Fanhões! Diante de nós a campina do Tojal; depois os montes de Unhos e S. Iria; por trás o Tejo; a Serra da Arrábida fecha o horizonte.

Nossos olhos mergulham em belezas que são afirmações da Beleza Incrriada.

É dia da Assunção de Nossa Senhora.

Depois da Missa e da casa arrumada viemos por aí acima. Rente ao meio dia aparece o Pedro mai-la nossa furgoneta e lá dentro o almoço. Foi carneiro (um carneirito oferecido a um Padre novo na sua Missa Nova e depois por ele a nós) com batatas e pão e vinho e água fresquinha e melão e bolos da senhora da Granja. Uma barrigada!

Agora na encosta fronteira os rapazes desmoem o almoço em correrias barulhentas que lembram cenas de cow-boys. Estão sendo felizes. Louvado seja Deus!

Em minhas mãos tenho o livro onde o povo português escreve amorosamente, e tantas vezes até com heroísmo, uma condição desta felicidade.

Um sportinguista explica-se com dois «lagartos», ao que percebi uma espécie de obrigações emitidas pelo seu clube. Visitantes dizem com 30 escudos o seu agrado da nossa casa. Da viúva de um nosso vizinho recém falecido 55\$00 e roupa usada vinda de Lourenço Marques. Migalhas que atravessam mares, movidas pela amizade aos nossos rapazes.

Mais visitantes que se explicam com 120\$ e alguém que manda 50\$ pedindo a intenção de uma Missa. Mais roupa usada de criança com a nota sobrenatural de «podem usar descansados que era de criança sã».

Agora os empregados de «A Mundial» enviam 520\$, primeira prestação para uma casa dos pobres. Várias peças de roupa «por alma de uma mãe querida. A Caridade para com os mortos pode exercer-se em pessoas vivas. Para sufrágios 50\$ mais 20\$.

A porta do Lar do Porto 200\$ e em Paço de Sousa 500\$.

Ana Maria manda 300\$, 20\$ achados e notícias de uma pobre da Curraleira. Uma «mãe de dois filhos gulosos e estudiosos» despeja em nossa casa o que transborda do seu coração maternal: 100\$ para festejar os nossos aprovados. Foi cumprida gostosamente a obrigação.

Os empregados da Vacuum enviam a sua 62ª mensalidade: 110\$, e para o Património mais 100\$. A mesma filha (os bilhetes têm letra de mulher) envia, com palavras diferentes mas com igual intenção, duas vezes 12 contos para outras tantas casas dos Pobres, pelas melhores de seus Pais. Ditosos Pais!

balhar para a cozinha. Quem manda agora em nós é a Sra. D. Virginia. Entretanto frequentei a escola da nossa aldeia e fiz exame este ano, tendo ficado distinto. Vou amanhã para o Porto para um escritório. Nesta casa quem não trabalha não come. Eu por mim quero trabalhar. Sou sportinguista com muita honra.

PAPAGAIO

Visitantes ofereceram três garrafas de vinho doce e roupa de cama e de vestir. Um senhor espanhol, entusiasmado, depois de ter enchido de beijos o Risonho, deixou 50\$ e muitas exclamações: «Que hermoso!» «Nunca vi em Espanha nada igual!» «Se eu aqui morasse havia de cá vir todos os dias!» Senhora dos emblemas, o he lá este rival!) Quem o cá trouxe acrescentou que andava mostrando àquele estrangeiro «os monumentos» de Portugal.

Mais 100\$ de visitantes e um relógio de pulso para um bem comportado, o qual foi o Mário carpinteiro. No cais de Alcântara no embarque do Pai Américo, 40\$ e mais 160\$ de origem desconhecida.

Um chefe da polícia aplicou uma multa e deu-nos o seu valor: 29\$10. A Farmácia Andrade volta com segundo termómetro e no Montepio encontramos 50\$ «para um prego», 50\$ para a assinatura e outros 50\$ para o «Isto é a Casa do Gaiato II»; de Maria Luísa e de Nampula 50\$ de um pequenino, «pa a que Deus faça nele um Padre da Rua». Se for da Sua divina Vontade que o Senhor oiça esta oração.

Assinaturas foram pagas aqui e no Montepio 1405\$ delas.

Um fotógrafo-repórter, que embora não católico é apaixonado pela Obra, oferece os seus préstimos e põe à nossa disposição alguma das suas máquinas. Mais ainda: se houvesse um garoto com gosto pela fotografia, este senhor seria feliz se lhe permitissem ajudá-lo. Quem assim deseja servir é verdade que ama!

Mais informamos que temos em Lisboa um segundo depósito. É na Casa das Antiguidades de Carlos Gacia, Rua da Escola Politécnica frente ao portão do Jardim Botânico do lado da Patriarcal. Ali se encontram alguns volumes do «Isto é a Casa do Gaiato II», se recebem assinaturas e outras explicações dos nossos amigos.

Eis quanto na roda do mês aqui veio dar, pela mão dos quem o Pai Celeste deu a ciência e a sabedoria de arrar.

P. S.

UM ANÚNCIO

Leio o Diário de Notícias de ponta a ponta.

Já subi e desci escadas e escadas e escadas de agências de compra e venda e aluguer de propriedades.

Repeti vezes sem conta o mesmo recado: Uma moradia ou rés do chão independente com 15 a 20 diviões, um quintalito, em local próximo do centro da cidade, de renda não muito cara—onde finalmente possamos abrir o Lar de Lisboa. E nada...

Veja lá os senhores se me dão uma ajudinha!

C. G.

SENHORES LEITORES:

Era subido favor tomarem nota do seguinte:
1.º — Ficou inteiramente esgotada a tiragem de 34 mil exemplares de «O Gaiato» do último número. Impossível atender inúmeros pedidos.
2.º — Foram colocados em três dias todos os rapazes finalistas disponíveis.
Torna-se igualmente impossível satisfazer mais pedidos.
3.º — Estamos a coordenar uma 2.ª edição do Regulamento do «Património dos Pobres» com esclarecimento, plantas e alçados. Brevemente daremos expediente aos pedidos arquivados.
Obrigado!

A CAMINHO DE ÁFRICA

daquela senhora estrangeira ter caído mortal! Podia ter sido eu. Podia ter sido outrem; nós éramos ali 600 almas. Foi ela; e no momento, deixa órfãos 4 filhos que a seguiam: Francisco, Henrique, Rafael e Damiana.

Passava do meio dia quando começamos a ver terra e era noite quando atracámos. Canárias é, desta sorte, mais um número que eu fico conhecendo; nunca por aqui havia passado. Uma extensa lingueta entra pelo mar dentro da feia, ao que ouvi, com dinheiro da Shell. Lá estava a bandeira da companhia a indicar o sítio aonde o barco havia de encostar. Estavam outros. Havia muitos. Condutas de ferro trazem o comestível de depósitos afastados. Em menos de quatro horas o «Quanza» abre o ventre a mil toneladas. Dantes era carvão, e toda a gente achava bem. Hoje é óleo e dizemos que o carvão era sujo. Amanhã veremos, quando vier outra coisa que torne o óleo antigo. Os homens são assim. Os homens não ficam. Era noite quase cerrada quando fomos a terra. No cais havia bichas de táxis acudindo à chamada. Nós tínhamos três horas à nossa disposição. Uma vez no que nos parecia ser o centro da cidade e por que eram horas de jantar, fizemos o que costuma fazer toda a gente que traz apetite e dinheiro: perguntamos aonde é que se comia bem. O Júlio era o caixa e era o língua. Júlio é de Elvas, de onde se vê e ouve Espanha. Júlio pretende saber espanhol e o motorista, com dificuldade, ia percebendo o que ele queria dizer. O Grande Hotel Parque deu-nos de jantar. Nada de extraordinário mas tudo bem servido e bem feito. Fora era um largo ajardinado. Por complemento do dia pedimos e tomámos café, tendo chegado a bordo dentro da hora marcada. Nada posso dizer da cidade, nem dos seus monumentos, nem dos costumes dos habitantes; era noite. Apenas notei que a terra da ilha é parda, parecida com as de Cabo Verde. Como ainda houvesse tempo, demos uma volta no cais; no cais da companhia Shell. Navios-tanques atracados forneciam do precioso óleo os depósitos que alimentam outros barcos. É pelo mesmo processo é pelas mesmas condutas. Ali não se perde tempo. São os americanos...

No dia seguinte acordámos no mar. Até estas alturas não nos tem faltado a vista de outras embarcações das quais, nós outros, também somos espectáculo. Não tem faltado, até, os grupos de traineiras que parecem ser nossas, vindas por estas paragens em cata de peixe. Foi mesmo aqui, aonde, há dias, o *Santa Teresinha* desapareceu e com ele alguns dos nossos irmãos. Para eles e por eles aqui deixo um minuto de silêncio!

Eu vou aqui a bordo cheio de dignidade. Apenas chegado, tiram-me da mão o bilhete aonde dizia 27 e põem 6, tendo riscado aquele. Agora é o camarote 6. Ao entrar leio na porta *camarote luxol*. O luxo está em que ele é individual e diz para o convés e da grande janela vê-se o grande mar e por cima de tudo, vou virado a nascente e este é que é o luxo. Camarote de luxo. Mas não fica por aqui. Temos mais dignidade. É no refeitório. No salão de jantar como aqui se chama. Eu como à mesa do Senhor Comandante! Eu mai-la fina flor de bordo. Nunca me vi em tal! Isto tudo se paga, já se vê. Eu hei-de pagá-las todas. Quando chegar

o tempo das fortes e feias que eu costumo apanhar, tenho ao menos este refúgio; a lembrança de que fui um dia a bordo do vapor «Quanza» num camarote de luxo e mesa do Comandante. E esta recordação há-de-me ajudar.

A bordo não há capela. É no salão. Júlio prepara as coisas e a seguir celebramos. N'Ele e por Ele seja dada a Deus toda a honra e toda a glória. Depois tenho uma hora feita pelos apontamentos do meu Retiro do ano passado, no Seminário de Vilar, pregado pelo Abade de Singeverga. D. Gabriel de Sousa. Tenho tudo por dias e conferências. A palavra é hoje tão fresca como naquela maré. É alimento. Eu rumino e acabou. Homem douto no Evangelho, que tira dos seus tesouros coisas novas e velhas, é pena que este monge não seja isto somente e tenha de ser agora, também, o construtor do seu mosteiro. Vai dividir-se. Vai dissipar-se. Vai tratar de pesos e de medidas e ser nestes enganado. Terá de ir muitas vezes pela Arcada, aonde o mundo é doutro face e doutro clima. Tenho pena. Este mundo não o merece.

Levo meia dúzia de laranjas que trouxe de Paço de Sousa. Aqui também as há. Havia delas nas Canárias. A laranja é fruta de toda a hora e de todos os sítios. Mas estas são diferentes. Mais doces e mais saborosas. Elas são o compêndio da vida da nossa aldeia. Tomo uma delas. Primeiramente a casca, muito e muito devagarinho, para assim gastar muito tempo na leitura. Depois a polpa com idêntico cerimonial. Por fim os gomos. Quando acabo tenho gasto um quarto de hora. Através daquele gomo, tenho

A procissão de hoje, sai de novo para a rua, vistosamente embandeirada. Leva quatro andores que são quatro casas. Quatro de doze contos cada!

Uma veio de S. Paulo do Brasil, duas foram depositadas no Montepio da Rua do Ouro, em Lisboa, a outra é a do Futebol C. do Porto. São já seis as que vieram nesta quinzena, após a partida do P.º Américo. O sacrifício dele está já a frutificar a cem por um. Sem sacrifício não há redenção. A continuarmos neste ritmo, vamos construir dez casas em cada freguesia de Portugal e deitar abaixo os barredos e curraleiras.

Venham casas, vidros, telhas, pregos e fechaduras. Quando chegarmos àquela meta, já não serão precisas as fechaduras que foram inventadas para defender o egoísmo dos fartos contra a penúria dos que nada têm, nem sequer educação. A Casa do F. C. é feita não de pedras mas de migalhas tiradas à boca dos que no Porto não são os mais ricos. Tem por isso maior valia. É feita de suor. Queríamos construí-la em sítio onde cada atleta, dirigente, ou adepto do F. C. do Porto pudesse sorrir de satisfação ao passar—eu tenho ali um pedaço de mim mesmo. Ela será o Padrão da sua visita a Paço de Sousa, no dia 17 de Agosto de 1952. A esta peregrinação do Porto juntaram-se outros com igual devoção.

52\$ de ferragens em Paredes para a casa local; 1 pacote de vidros.

saboreado delicias, visto as laranjeiras da nossa aldeia e apreciado a fidelidade dos rapazes que, por muitos e variados, nem por isso deixam de respeitar as laranjas durante todo o ano. Ainda nas vésperas da minha partida, passando eu por um lago aonde temos laranjeiras, ouço dum grupo que ali estava: *quando vier d'África ainda encontra laranjas*. Tudo isto eu saboreio e vejo e aprecio e ouço, enquanto descasco uma das que trouxe. Nela vejo e revejo. Por ela mato saudades. Ele há tantas e tão finas, sim. Como estas nenhuma!



Vai aqui uma cadela que teve 7 filhos. Correu a notícia por entre os passageiros mais próximos do local. Dizia-se que ela é brava e não deixa aproximar ninguém. Tudo isto aconteceu e tudo isto foi falado por umas horas somente, depois do que, a vida de bordo entrou no normal e nem cães, nem cadela, nem nada. Aqui não é a Casa do Gaiato, porquanto, se o fôr, em vez da notícia vinham os próprios cachorrinhos e andavam de mão em mão e voltavam ao caixote e tornavam a sair de tal sorte que, a este tempo, dificilmente se encontraria um passageiro que não tivesse já visto e apalpado e cheirado cada um dos cachorrinhos; eles são sete. Na Casa do Gaiato é assim. No escritório aonde eu trabalho, tenho visto e apalpado ninhadas de pintainhos e bécoros e morcegos e duma vez uma cobra morta enfiada num pau; e tenho visto patos e galinhas e perús e garnizés. E duma vez que eu estava muito doente, entra o *Presidente* pela porta dentro e coloca sobre o meu leito um pavão. E passarinhos vivos e pombos e duma vez ao Sérgio mai los do campo, trouxe-me uma vitell!

Ainda em Paredes entraram na procissão um senhor com 100, outro 20 e outro ainda com 50.

Mais certa Maria com 100 e o pedido de uma *Avé-Maria*; 300 dum senhor com o pedido duma prece para o bom resultado dum exame; e, como este resultado foi brilhante, ele volta à procissão, de joelhos com 100. Outros 100 por *Alma da Minha Santa Mãe*. Tudo com letra maiúscula. Quando as Mães são dignas desta letra os Filhos estão em boa escola. Os filólogos ainda não decretaram a letra maiúscula para este nome porque algumas o não merecem. É pena.

Mais 50 para ajudar as «Casas dos Pobres do Gaiato», e 100 para o «Património» e 50 do *Nosso Muito Amiguinho* Carlos António. A propósito dos «Carlos», eu sei que eles têm andado à frente em tudo, mas não deram ainda sinais de vida no *Agora*. Vejo já 34 casas na lista: Um Descrente. Xi-Xi, Sarrabulho, etc etc.—dos Carlos, nada! Será que os António, os José, ou qualquer dos outros grupos onomásticos lhe queira tirar a camisola amarela?

Lisboa vai despertando. Se no Porto o fato de ganga está a marcar, na Capital têm a primazia a *manga de alpaca*. Escritórios. Aquela procissão que a Mundial está a organizar em direcção a uma casa, vai dar que falar. A *Mundial* é só uma. Por enquanto é a maior das Companhias: não fosse ela a Mundial!

Ultima hora

LUANDA 20—O Padre Américo, que comovidíssimo, lê os numerosos telegramas recebidos em consequência de se ter divulgado por toda a parte a sua doença inesperada, pede à Imprensa—muito agradece—o favor de informar os seus «Gaiatos» de Paço de Sousa, de Lisboa, do Porto de Coimbra, e de Miranda do Corvo e ainda os seus amigos da Metrópole, do Ultramar, e do Brasil, que já deixou o leito e que se acha nitidamente capaz de prosseguir se Deus quiser.—L.



Final de contas parece-me que não sai o livro *como eu subi ao altar*. Vamos a mais de meio caminho de viagem e eu não tenho feito nada. De Lisboa até ao ponto aonde esta escrevo, o mar tem sido tranquilo. Dentro de mim também há paz. Papel não falta; o Júlio preveniu-se. Quanto à caneta, ele é verdade que me roubaram no porto das Canárias a que eu trazia; aquilo é espanhol. No entanto não é óbice, arranjei logo outra. Já tenho uma caneta. De maneira que nem é falta de tempo, nem de papel, nem de disposição, nem nada. É o eu. Sinto dificuldade. Encalho. Emperro. Isto não vai pra frente. Já me lembrei pôr um ele baseado naquela frequente dúvida do povo que me vê passar: *é ele? Será ele?* Ora parece-me que com este ele eu poderei fazer o livro. Vamos a ver.

Para não estar de todo quieto e enquanto me não decido, vou preparando um trabalho para me apresentar no I Congresso Nacional de Protecção à Infância, que tem lugar na capital do Império nos fins do ano corrente. Não é que eu dê muito por eles, congressos, que não dou. Mas é o tema. O tema que me propuseram e que eu imediatamente aceitei: *a criança abandonada*. Nada científico, tão pouco eu era capaz. Nada teórico. Tudo prático, tudo agora. Eu vou falar. Eu vou queimar, que ando a arder. Nós andamos fartos de pôr a mesa e fazer a cama a rapazes abandonados por seus pais *impunes*; operários, jornalistas, transeuntes, comerciantes, licenciados. Todas as classes. Todas as idades. Todas as religiões. Todas as categorias e todos *impunes!* Nós andamos fartos. As injustiças cansam e revoltam. Eu vou falar. Não acredito que tudo fique na mesma. Se ficar, é verdade o que eu há muito penso dos congressos...

(CONCLUE NO PRÓXIMO NÚMERO)

UM PEDIDO

Todos os nossos leitores gostam de ver documentadas, com boas fotografias, as páginas do *Gaiato*.

Sucede porém que os pequenos Kodaks de que dispomos deixam muito a desejar. Por outro lado, quem pode retirar três ou quatro contos para o almexado aparelho?

Há aqui cenas tão lindas que mereciam quilómetros de filmagem, quanto mais uma chapa fotográfica.

Não haverá por aí uma boa máquina chorando no pó, o seu dono que Deus levou?